

Escola Bíblica Semanal

Lição 4 - Evangelho de Mateus – Instruções aos doze apóstolos e rejeição ao Messias (9.35 a 12.50)

1 – Introdução à lição

Nesta terceira lição estudaremos o segundo dos cinco discursos de Jesus apresentados por Mateus, as “instruções aos doze”, onde nosso Senhor escolhe, treina e envia seus doze discípulos, para que preguem o evangelho pelas doze tribos de Israel. Logo após a narrativa é retomada, contando o processo de dúvida e rejeição do Messias, começando pela dúvida de João Batista e passando pela rejeição das cidades, a aceitação dos simples e nova rejeição por parte dos fariseus. Por último nesta lição estudaremos o terceiro discurso de Jesus, as “Parábolas do Reino”, onde através de sete pequenos contos nosso Amado instrui seus discípulos de forma didática e amorosa.

2 – Segundo Discurso: instruções aos doze (9.35 a 10.42)

A afirmação do versículo 9.35 assemelha-se a 4.32, relatando o triplo ministério messiânico de ensino, pregação e cura através de todas as cidades e aldeias, e o anúncio do Reino. Ao ver a grande multidão que o ouvia, Jesus foi profundamente movido em seu interior, comparando aquele povo à ovelhas sem pastor, conforme Ez 34.5-6.

A situação das multidões era tal, que ao realizar o primeiro discurso, voltado aos discípulos, Jesus acabou ensinando àquela multidão, pois se aproximaram dele. A fome espiritual do povo era decorrente do saber da existência de Deus e de sua obra, mas não conhecendo e vivendo a maravilhosa vontade do Pai. Os pastores de então não guardaram o rebanho do Senhor.

Jesus viu o povo como rebanho, mas também como um campo a ser ceifado, para ter seu produto recolhido, porém eram poucos os trabalhadores, como até hoje são. Muitos outros trabalhadores foram acrescentados àqueles doze, mas a seara ainda é muito grande. Devemos continuar rogando por novos obreiros ao Senhor do campo.

Aqui aprendemos como Jesus via o povo, como essa visão deve tocar-nos e como devemos agir.

Jesus escolheu doze discípulos e comissionou-os, dando-lhes poder para realizar o ministério de cura em seu nome, o qual testifica de sua pregação e ensino. Neste momento cumprem-se profecias messiânicas que previam um primeiro chamado à casa de Israel. Jesus estava limitado ao seu corpo humano e não podia pregar em todos os lugares ao mesmo tempo, então dá treinamento especial a um seleto grupo de judeus e envia-os, urgentemente, em missão pela terra de Jacó, a arrebanhar os desgarrados do Senhor.

Uma lista é apresentada e trata-se da única vez que Mateus usa o termo “apóstolos”, que significa alguém enviado e comissionado com a autoridade daquele que enviou. Listas semelhantes aparecem em Marcos, Lucas e Atos. Pedro é chamado de primeiro, indicando sua liderança, e Judas Iscariotes aparece por último.

Nessa missão urgente os doze são proibidos de pregar aos samaritanos e gentios em geral, mas devem primeiramente anunciar a chegada do Reino dos céus aos de Israel, curando, limpando, ressuscitando, libertando e fazendo tudo isto sem cobrar. Não há registro nos evangelhos de que os apóstolos tenham ressuscitado mortos, mas em Atos isto acontece. De qualquer modo,

poder para tanto eles receberam.

Pela urgência e brevidade da missão e por tratar-se de missão no próprio território de judeus, não deveriam levar provisões nem aparatos adicionais, mas deveriam hospedar-se em casas de pessoas dignas, saudar e ministrar.

Curioso é notar a proibição de carregar alforjes, pois a palavra grega “pera” significava a bolsa em que os mendigos guardavam suas esmolas. Com isto Jesus está explicando que pelo trabalho não haverá pagamento, mas também não haverá mendicância. Receberão seu alimento pois digno é o operário de recebê-lo.

Levariam apenas uma túnica, a que vestiam, e apenas o par de sandálias que estava em seus pés, sem levar outro, também não teriam bordão adicional. A palavra “possuir” do versículo 9 indica “conseguir”, o que harmoniza o texto com Lucas, que fala em não levar bordão adicional. Viagem rápida em tempo quente sobre a terra natal exigia ausência de tralhas e bagagens.

A hospitalidade ao viajante era referência comum no oriente médio naquele período, portanto não devemos estranhar este costume e estas ordens.

Muito tem sido dito sobre os “bondosos ensinamentos do pobre galileu”, mas Jesus claramente fala em juízo, Sodoma e Gomorra. Muitos olham para Jesus como quase um coitado idealista, mas esquecem que estão falando do Rei, o Senhor dos Exércitos, o Deus da Vingança, o dono do Juízo. Jesus é o mesmo.

Ao enviar seus doze, Jesus dá instruções que serão não somente para aquela missão, mas para a missão futura deles e de toda a Igreja ao longo dos séculos até a sua vinda.

O envio é perigoso, pois as obedientes e frágeis ovelhas vão para o meio dos vorazes lobos, mas prudência é simplicidade são necessárias.

Os seguidores de Jesus até hoje são submetidos a julgamento por conselhos e grupos religiosos, sejam chamados como forem, sínédrios, sinagogas, diretorias e congregações. A perseguição vinha do próprio povo chamado por Deus e infelizmente isto não mudou, ainda que hoje muitos dos perseguidores sejam intitulados cristãos. A verdadeira mensagem do evangelho não se ajusta aos homens, mas os homens devem ajustar-se à ela. Quando isto não acontece, formam-se os poderes religiosos que passam a perseguir aqueles que falam e vivem a verdade de Jesus Cristo.

A rejeição é inevitável, seja no meio dos pagãos, seja no meio dos cristãos mornos, mas os seguidores de Jesus testemunharam e testemunharão aos poderosos da terra, não por sua própria força e vontade, mas pelo Espírito de Deus que instrui o servo do Senhor a falar, como foi dito por meio do profeta Zacarias: “Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” (Zc 4.6)

A rejeição acontece dentro da própria família e homicídios aconteceram, acontecem e acontecerão dentro do próprio lar, por causa da divisão provocada entre luz e trevas, mas o que perseverar até o fim será salvo, ainda que seu corpo seja destruído.

A vinda do Filho do Homem no versículo 23 tem algumas interpretações válidas possíveis. Uma delas é que Jesus os enviava e posteriormente ele mesmo percorreria o país, indicando não sua segunda vinda mas seu próprio ministério terreno. Outra interpretação é que trata-se do aparecimento em triunfo, logo após sua ressurreição, onde ele encarregou os apóstolos de fazerem discípulos em todas as nações (Mt 28.18-20).

Ainda outra interpretação é que as cidades de Israel referiam-se a todos os locais na diáspora onde haviam judeus, e que antes que se completasse sua evangelização viria o fim, com a segunda vinda de Jesus. Todas estas interpretações são coerentes e válidas e uma vez que muitas profecias da Bíblia apresentam múltiplo cumprimento, provavelmente todas estas interpretações estão corretas ao mesmo tempo.

Se perseguiram o Messias, também seus servos e discípulos sofrerão perseguição, mas não é necessário ter medo, pois ao final tudo será revelado, inclusive o resultado da salvação, a ressurreição em Cristo Jesus. Os homens podem destruir o corpo, mas o Pai pode destruir o corpo e condenar a alma, a Ele, portanto, devemos o temor.

Tudo o que se passa na terra está sob o conhecimento de Deus e, pelo menos, sob sua

vontade permissiva. Todos os nossos atos e aspectos são conhecidos por Deus e muito mais valemos nós para Deus do que as pequenas coisas da natureza das quais ele tem ciência.

O testemunho sobre Jesus resultará em testemunho de Jesus a nosso respeito diante do Pai e o seu oposto é verdadeiro.

Ao contrário de certos ensinamentos populares, Jesus não veio trazer paz à terra, ainda que tenha trazido paz aos corações atribulados. A terra está e estará em guerra até que ele estabeleça seu juízo e julgue as nações. Famílias serão divididas por causa do amor a Jesus e muitos dos salvos perderão suas famílias terrenas tanto nesta vida quanto na ressurreição.

Jesus falou em cruz, aparato romano para execução de prisioneiros, e da busca pela própria vida, segurança e bem-estar. A busca por si mesmo leva à destruição, mas a busca das coisas celestiais leva à ressurreição, ainda que possa trazer perseguição e morte nesta era.

A palavra mártir significa testemunha. Precisamos lembrar que não somente os mortos testemunham através de seu legado, mas também os vivos. Desejos mórbidos não são próprios dos servos de Jesus, pois não devemos desejar a morte, apenas estarmos dispostos a recebê-la por obedecermos a Jesus. Muitos estão dispostos a morrer por Jesus, mas quantos estão dispostos a viver por ele?

Quanto à perseguição, Jesus promete premiar aqueles que auxiliarem seus servos, ainda que seja com um simples copo de água fria. Isto era verdadeiro naquela época e o é em nossos dias, mas será especialmente lembrado durante a tribulação e será determinante no julgamento das nações que antecederá a entrada do Milênio de Paz.

Neste discurso Jesus ensinou o preço do discipulado, mas também a sua maravilhosa recompensa.

3 – Narrativa da confrontação e rejeição do Messias (11.1 a 12.50)

Mateus usa sua típica fórmula de encerramento de discurso no versículo 1 do capítulo 11. Aparentemente Jesus acaba as instruções, faz o envio dos apóstolos e parte ele mesmo, sozinho, a pregar nas cidades dos discípulos.

3.1 – João Batista e Jesus Cristo (11.1 a 11.19)

Neste momento está João Batista preso num cárcere, o mesmo João que testemunhara do Messias, de sua grandeza, de seu poder. João anunciara o machado posto à raiz das árvores e o messias que tinha em sua mão a pá para limpar sua eira e queimar a palha no fogo eterno. Da prisão João apenas recebe notícias de um ministério de pregação, ensino e curas, mas de nenhum juízo, nenhum governo humano, mas ele mesmo recebera testemunho do Pai acerca do Filho.

Ainda que fossem primos, João e Jesus não se conheciam antes do batismo, mas Deus dera um sinal a João, anunciando-lhe que aquele que batiza com o Espírito Santo seria aquele sobre quem o Espírito desceria em forma de pomba. Todos estes conhecimentos e conceitos juntaram-se na mente de João e ele não tinha dúvidas que Jesus fora enviado pelo Pai celestial, mas tinha dúvidas quanto a quem era ele, por isso perguntou: “És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?”. João tinha dúvidas sobre a natureza messiânica de Jesus, mas esperava uma resposta e confiava na resposta que receberia.

Jesus não dá uma resposta direta, mas usa o próprio conhecimento messiânico de João Batista para enviar-lhe a resposta. Os sinais típicos do Messias são cumpridos em Jesus e estes sinais são dados como resposta suficiente aos discípulos de João.

Em lugar de explorar a dúvida de João, Mateus aproveita a oportunidade para explorar as declarações maravilhosas do ministério Messiânico, o que é muito mais interessante.

Logo após isto Jesus passa a dar testemunho sobre João Batista, perguntando à

multidão quem era João. Um homem vacilante e covarde como um caniço agitado pelo vento? Certamente que não, pois João estava preso por seu testemunho ousado e sua pregação forte. Um homem rico e bem vestido? Certamente que não, pois João era conhecido por seus trajes simples e sua vida despojada de conforto. Um profeta? Certamente que sim. Um profeta e bem mais que um profeta, pois entre todos os homens que já haviam nascido, não tinha havido ninguém maior do que ele, nem Davi, nem Moisés, nem Elias, nem Abraão.

Jesus fala que o menor no Reino dos céus é maior do que João. Duas interpretações têm sido aceitas para esta afirmação, uma é que aqueles que estão na nova aliança, os cristãos, recebem maiores privilégios e dádivas do que os da antiga aliança, pois só na dispensação da graça o Espírito Santo de Deus é derramado amplamente sobre seus servos e os novos tempos são maiores e mais poderosos que os velhos tempos. Outra interpretação é que o menor é uma referência ao próprio Jesus, mais jovem que João, mais humilde, mais insultado, mais maltratado, mais torturado e morto da mais horrível forma. O nazareno de 2.23, o mais rejeitado entre os homens de Is 53.3. Ambas as interpretações são possíveis e coerentes.

A afirmação da violência ao Reino dos céus e do apoderar-se pela força encontra algumas interpretações. Uma delas é que desde o início da pregação de João muitos tem se esforçado vigorosamente para entrar nesse reino. A palavra “biazetai”, aqui traduzida por violência, significa um movimento vigoroso, não necessariamente uma agressão maligna.

Outra interpretação é que o verbo é tomado em outra conjugação e na verdade significa que o Reino avança vigorosamente e os mais vigorosos se apoderam dele. De qualquer modo, o significado não é contraditório com o todo da pregação de Jesus, pois não nega a graça, apenas enfatiza o esforço vigoroso para trilhar o caminho difícil e passar pela porta estreita.

Jesus fala claramente que João é o Elias que deveria vir, ou seja, no mesmo sopro (pneuma, em grego) que veio Elias, veio também João. Este sopro era o próprio Espírito de Deus, dado em grande medida a Elias no antigo testamento, e após o silêncio profético dado a João Batista para encerrar a velha ordem e abrir as veredas para o Filho de Deus em seu ministério terreno.

O versículo 15 é um convite e uma advertência a não sermos surdos espirituais.

A geração que ouvira João e agora ouvia Jesus é comparada a crianças insensíveis, que nem se alegravam nem se entristeciam. Assim condenaram João por jejuar e abster-se de vinho (Lc 1.15) chamando-o de endemoninhado, por não acatar certos prazeres lícitos da vida, então condenaram Jesus porque não o viam jejuando, nem a seus discípulos, também o viam bebendo, e o acusaram de glutão e bêbado, amigo de pecadores. A frase final sobre a sabedoria mostra que as obras de Jesus dão testemunho de sua natureza (Pv 9.10 e Sl 111.10).

3.2 – Jesus e as cidades (11.20-24)

Num rápido discurso Jesus censura as cidades impenitentes que não se arrependeram ao verem os sinais óbvios da chegada do Reino e as compara com Tiro e Sidom, cidades que teriam sido transformadas por aqueles tantos milagres. Na verdade Jesus parte para pregar em Tiro e Sidom e, antes mesmo que faça algum milagre, uma mulher daquelas terras o reconhece como autoridade divina e roga por seu poder libertador. Haverá menos rigor para Tiro e Sidom, como também para Sodoma, que teria se convertido com tais milagres. Curiosamente, também Jerusalém já havia sido anteriormente considerada moralmente inferior a Sodoma e Gomorra (Jr 23.14), isto muito antes de condenarem e executarem o próprio Messias.

3.3 – O repouso para os simples (11.25-30)

O Pai foi louvado por Jesus por revelar aquelas coisas maravilhosas aos simples, não aos sábios e cultos. Ainda hoje é assim pois muitos intelectuais estão apaixonados demais por seus

títulos, livros e honras para se aproximarem do Senhor Jesus com humildade e servidão, querem estudá-lo, dissecá-lo e proferir seus pareceres e veredictos a respeito de Deus. Os simples não são assim, querem o salvador.

O sossego, o conforto e o refrigério dados por Jesus são algo maravilhoso. Quanto maior a dívida, maior a gratidão (Lc 7.47), onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5.20). Ó maravilhoso refrigério! Quão leve é esse fardo e quão suave é esse jugo e quão terrível é o fardo do pecado e o jugo da escravidão. Glória ao nome do Senhor Jesus, em cima nos céus e embaixo na terra, para todo o sempre!

Os três imperativos do repouso que Jesus nos dá são: vinde, tomais e aprendei.

3.4 – Os fariseus combatem Jesus (12.1-45)

A lei sobre o sábado deveria sempre ser harmonizada com as demais leis, como se faz com tudo na Palavra de Deus, mas muitos rabinos fariseus criavam normas próprias sobre o sábado que contrariavam a própria lei de Deus, tanto na letra quanto no espírito da lei. Chegava-se ao absurdo de proibir salvar os bens de uma casa em chamas num dia de Sábado e muitos foram massacrados no período intertestamentário por não se defenderem do invasor no Sábado.

Num certo sábado os discípulos acompanharam Jesus quando ele passou por algumas plantações. Cumprindo a lei, eles apanharam espigas de trigo para comê-las, direito assegurado a quem não tivesse outra forma de se alimentar, o que era o caso deles naquele momento.

Os fariseus achavam mais justo que aqueles viajantes passassem fome para cumprir um mandamento de homens do que cumprirem a lei (Dt 23.24-25) e serem alimentados. Isto assemelha-se aos cristãos de hoje que não se constroem em impor fardos e cargas aos seus irmãos, desde que eles mesmos não estejam em tal situação e não precisem suportar tal sofrimento. É semelhante ao que declara que o que está doente assim está porque não tem fé, mas ele mesmo só declara isto porque encontra-se saudável pela misericórdia de Deus. Acusar a fé alheia é sempre mais fácil do que chorar pela própria falta de fé. Sobre isto podemos perguntar a nós mesmos: quantos doentes já curamos? Eis a nossa fé.

Nesse episódio Jesus Cristo ensina os fariseus sobre a correta interpretação da Lei, dando exemplos do rei Davi e dos sacerdotes que ministravam no templo. Os fariseus ainda não entendiam que os sacrifícios, os formalismos do judaísmo, só fariam sentido para corações misericordiosos e que, entre os dois, Deus queria a misericórdia. Se assim o entendessem, não teriam condenado inocentes.

Jesus não fica na defensiva nem se evade, mas parte para a ofensiva e entra numa sinagoga, onde novamente é desafiado por uma pergunta acerca de cura no sábado. Sabiamente Jesus responde com outra pergunta, comparando um simples animal do rebanho a um homem, o ápice da criação de Deus. Assim, ele dá ordem ao homem da mão atrofiada e ao atender a ordem, o homem tem a mão restaurada.

Estranhamente, aqueles mesmos homens que tanto cobravam a obediência à lei passam a conspirar um assassinato, afronta gigantesca e direta à lei.

Como ainda não era sua hora, Jesus retirou-se daquele lugar e foi seguido por muitos. Todos os doentes entre eles foram curados, mas com a advertência de manterem o silêncio, pois ainda não era a hora. Assim cumpriu-se a profecia de Is 42.1-4, o servo amado de Deus, o receptáculo do Espírito Divino, o anunciador da justiça às nações, aquele servo manso e suave, agindo poderosamente em silêncio, misericordioso com os fracos e fortalecedor dos que vacilam de tão cansados e sobrecarregados. Curioso é compararmos esta descrição com os pastores do “marketing” das igrejas modernas.

É levado outro endemoninhado à presença de Jesus, e ele é liberto e curado. A forma grega da pergunta do povo é mais negativa que sua tradução em português. É algo como “este não é o Filho de Davi, é?” A isto os fariseus respondem abertamente que é pelo príncipe dos demônios que

Jesus expulsa os demônios. Trata-se de uma blasfêmia, uma grande tolice e até uma estupidez, porque nenhum exército subsiste lutando contra si mesmo.

Jesus dá seu ensinamento sobre libertação e trata da blasfêmia contra o Espírito Santo, tema de tantos pesadelos e noites sem sono de servos de Deus acusados por satanás de terem feito o que não fizeram. Tal blasfêmia está citada dentro de um contexto, e claramente trata-se de conscientemente atribuir ao diabo as obras do Espírito Santo, e isto é um estado de apostasia, de oposição deliberada a Deus. A Bíblia nos ensina que pecado confessado é perdoado (I Jo 1.9) e, como Deus não se contradiz (Nm 23.19), entendemos que neste estado já não há mais arrependimento. Isto não é coisa de servo de Deus arrependido e contrito, mas de inimigo declarado de Deus. Jamais deixe satanás o acusar disso, isto é coisa própria dele e ele já está condenado (Rm 16.20).

Novamente Jesus fala sobre árvores e frutos e sobre aquilo que sai da boca do homem. Daquilo que há no coração é que se fala, e de toda palavra inútil se dará conta no juízo. Lembremos que “com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação” (Rm 10.10).

Depois de tudo o que viram, os incrédulos ainda pedem um sinal. Eles não queriam aqueles sinais, queriam ser sacudidos por Deus, talvez levados as alturas e devidamente convencidos da divindade do Messias. Hoje alguns cristãos ainda esperam ver o monte fumegando e a nuvem de Deus pairando sobre ele para que ouçam sua voz audível e então obedeçam. Não deve ser assim, temos a Palavra, temos os sinais, não sejamos incrédulos.

Aos incrédulos Jesus respondeu com o mais poderoso sinal: sua ressurreição.

Gentios se levantarão no dia do juízo contra a geração incrédula, pois por palavras foram convencidos e os incrédulos nem por milagres são convencidos.

Adicionalmente o Senhor Jesus dá ensinamentos sobre o estado dos libertos das trevas. Só há duas opções: salvação ou nova e pior possessão. Devemos libertar os cativos em nome de Jesus, para que eles tenham chances de se converterem, mas eles devem tomar sua própria decisão, não podemos fazê-lo por eles.

3.5 – A família de Jesus (12.46-50)

Nesta rápida passagem Jesus explica que sua natureza familiar se dá por fé, não por linhagem humana. Sua mãe era de fato sua mãe porque tinha fé, seus irmãos se tornariam de fato seus irmãos porque se converteriam mais tarde, como Tiago e Judas, mas aqueles que já o seguiam já eram seus parentes. Lembremos disso, pois Deus não tem netos, apenas filhos. Ser filho de cristão não resolve nada, devemos ser autênticos cristãos. A salvação é recebida de Jesus, não dos pais.

Encerramos aqui o estudo de hoje. Seguiremos na próxima lição por nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia Mateus 13.1 até 17.27, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
<Http://www.geocities.com/malaquias316>